MOVIMENTO
ISSN: 1982-8918

ARTIGOS ORIGINAIS

CIRCO NOS PROCESSOS FORMATIVOS DA GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: CORPO E EXPERIÊNCIA A PARTIR DO PROJETO CIRCO SOCIAL NA UNIVERSIDADE

CIRCUS IN PHYSICAL EDUCATION TRAINING: BODY AND EXPERIENCE BASED ON THE SOCIAL CIRCUS AT THE UNIVERSITY PROJECT

CIRCO EN LA FORMACIÓN EN EDUCACIÓN FÍSICA: CUERPO Y EXPERIENCIA A PARTIR DEL PROYECTO CIRCO SOCIAL EN LA UNIVERSIDAD

https://doi.org/10.22456/1982-8918.155200

William Olielo* <william.olielo@unesp.br>

Luis Bruno de Godoy** <luis.godoy@ufam.edu.br>

* Universidade Estadual Paulista (UNESP). Rio Claro, SP, Brasil.

** Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Manaus, AM, Brasil.

Resumo: Este artigo apresenta, analisa e reflete criticamente sobre as ações pedagógicas desenvolvidas no Projeto CIRCUNESP – Circo Social na Universidade, discutindo como suas práticas circenses, fundamentadas em uma concepção ampliada de corpo e movimento, suscitam reflexões sobre os modos de ensinar, aprender e experienciar o corpo na formação em Educação Física. De natureza qualitativa e teórico-reflexiva, o estudo problematiza os sentidos produzidos por essa proposição pedagógica, compreendendo a extensão universitária como espaço legítimo de produção de conhecimento e a experiência como eixo metodológico e epistemológico. Em diálogo com estudos do corpo, da fenomenologia e das pedagogias críticas, tensionam-se racionalidades biologicistas e positivistas ainda presentes na área. Como resultado, o artigo sustenta uma compreensão ampliada de circo social, entendendo-o como linguagem corporal capaz de recolocar o corpo dos participantes do projeto no centro de seus processos formativos, como lugar de experiência, criação e produção de subjetividades.

Palavras-chave: Educação Física. Circo social. Corpo. Experiência.

Recebido em: 30 abr. 2026
Aprovado em: 13 jun. 2026
Publicado em: 12 nov. 2026

Este é um artigo publicado sob a licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

1 INTRODUÇÃO

As artes circenses constituem um campo de saberes corporais historicamente construído a partir da experiência, da transmissão direta e da relação entre corpo, movimento e criação. Mais do que forma de espetáculo, o circo pode ser compreendido como prática cultural e pedagógica que produz conhecimento por meio do corpo em ação, articulando técnica, risco, erro e sensibilidade em processos formativos singulares (Silva, 2003; Ângelo, 2009; Duprat; Bortoleto, 2015). É nesse horizonte que se insere o Projeto CIRCUNESP – Circo Social na Universidade, desenvolvido em uma universidade pública brasileira.

O CIRCUNESP surge no contexto universitário como uma proposição pedagógica que tensiona modos hegemônicos de compreender o corpo na formação em Educação Física. Embora artes circenses e Educação Física compartilhem corpo e movimento como eixos centrais, os sentidos atribuídos a essas dimensões nem sempre convergem (Ontañón; Duprat; Bortoleto, 2012). Enquanto o circo se organiza historicamente a partir de saberes empíricos transmitidos entre gerações e orientados pela experiência vivida do corpo em situação (Silva, 2003), a formação em Educação Física segue, em muitos contextos, atravessada por discursos biologicistas e positivistas que tendem a reduzir o corpo a parâmetros funcionais, mensuráveis e normativos (Bracht, 2006 Freitas; Brasil; Silva, 2006; Hunger *et al*., 2009; Castro; Gonçalves, 2009).

Essa tensão atravessa práticas pedagógicas, currículos e modos de prescrição e avaliação dos corpos, frequentemente orientados por uma racionalidade biomédica que secundariza às dimensões históricas, culturais e sensíveis das práticas corporais (Silva *et al.,* 2009). Em contraponto, as artes circenses oferecem um campo fértil para outras relações com o corpo, nas quais erro, risco e experimentação constituem elementos centrais da aprendizagem (Ângelo, 2009; Bortoleto, 2011; Tucunduva; Bortoleto, 2019).

Nesse contexto, o CIRCUNESP configura-se como um espaço de experimentação pedagógica no qual modalidades circenses, como acrobacias, aéreos, equilibrismo e malabares, são mobilizadas não apenas como conteúdos técnicos, mas como disparadores de experiências formativas que convocam o corpo em suas dimensões sensível, relacional e política. Suas escolhas pedagógicas deslocam a centralidade da prescrição e do controle para a escuta, a criação e a construção coletiva do conhecimento.

Situado no interior da universidade pública, o projeto insere-se no campo do circo social e educativo, dialogando com experiências que articulam práticas circenses, educação e ação social (Abreu; Silva, 2009; Lopes; Silva, 2024). Nesse sentido, o CIRCUNESP tensiona as relações entre extensão universitária, formação profissional e produção de conhecimento, afirmando o circo como campo legítimo de saber e intervenção pedagógica no ensino superior.

Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo apresentar, analisar e refletir criticamente sobre as ações pedagógicas desenvolvidas pelo CIRCUNESP

discutindo como suas práticas circenses, fundamentadas em uma concepção ampliada de corpo e movimento, suscitam reflexões sobre os modos de ensinar, aprender e experienciar o corpo no contexto da formação em Educação Física.

2 O CIRCUNESP COMO PROPOSIÇÃO PEDAGÓGICA

2.1 FUNDAMENTOS E INTENCIONALIDADES DO PROJETO

"O circo é acima de tudo a materialização do movimento atravessando nossos corpos" (Angelo, 2009, p. 97), e o CIRCUNESP ancora-se na compreensão das artes circenses como um campo de saberes corporais historicamente constituído a partir da experiência, da transmissão direta e da relação indissociável entre corpo, movimento e criação. Essa compreensão desloca o circo de uma leitura restrita ao espetáculo e o reconhece como prática cultural e pedagógica, capaz de produzir conhecimentos por meio do corpo em ação, em processos formativos que escapam às lógicas normativas e prescritivas da educação tradicional. Como aponta Ermínia Silva (2003), ao analisar os modos de aprendizagem circense, evidencia-se uma pedagogia do corpo fundada na experiência vivida, na observação e na partilha entre gerações, na qual o circo se constituía, até meados do século XX, como uma importante escola de formação de seus próprios artistas:

> O que era mais interessante de tudo, é que esta aprendizagem era adquirida no interior do mundo da lona, principalmente pela tradição oral. O circo, no final do século passado até mais ou menos 1950, era uma importante escola, que formava seus próprios componentes (Silva, 2003, p. 34).

Neste trabalho, o circo social não é compreendido como sinônimo exclusivo de intervenções voltadas a contextos de vulnerabilidade socioeconômica, mas como um campo ampliado de práticas pedagógicas e culturais comprometidas com a diversidade, a formação humana e a produção de subjetividades. Reconhece-se, evidentemente, sua constituição histórica ligada a ações direcionadas, sobretudo, a crianças e adolescentes em situações de vulnerabilidade social (Lobo; Cassoli, 2006; Guedes, 2013; Somme; Bortoleto, 2024; Bortoleto *et al*., 2024), sem restringir sua potência formativa a esse escopo. Nessa perspectiva, o circo social é afirmado como uma proposição ético-política que mobiliza as artes circenses como dispositivo de acesso cultural, criação coletiva e reflexão sobre o corpo e suas experiências. É a partir dessa compreensão ampliada que o CIRCUNESP se insere no campo do circo social, não como ação assistencialista ou compensatória, mas como prática extensionista que tensiona racionalidades normativas da formação em Educação Física e aposta na experiência circense como espaço de formação crítica, sensível e plural.

A concepção de corpo que orienta o projeto afasta-se de leituras biologicistas e instrumentalizadas, compreendendo-o como instância histórica, relacional e política da experiência. Nessa perspectiva, o corpo não é tomado como dado natural, neutro ou meramente funcional, mas como lugar de percepção, criação e produção de sentidos, por meio do qual os sujeitos se relacionam consigo, com o outro e com o

mundo. Tal compreensão aproxima-se da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty (2006), para quem o corpo não é objeto exterior à consciência, mas condição mesma da experiência e da existência no mundo.

Entretanto, reconhecer o corpo como experiência vivida não implica concebê-lo como esfera puramente interior ou desvinculada de determinações históricas e sociais. Ao contrário, é justamente por ser lugar de presença, ação e relação que o corpo se torna também alvo de investimentos políticos, disciplinadores e institucionais. Nesse ponto, o diálogo com Michel Foucault (1997, 2010) permite compreender que os corpos são atravessados por dispositivos de poder que organizam gestos, condutas, tempos e modos de presença, produzindo formas de regulação, normalização e subjetivação. Assim, a compreensão fenomenológica do corpo vivido e a problematização foucaultiana dos processos de poder não se excluem, antes, articulam-se na medida em que permitem pensar o corpo simultaneamente como experiência sensível e como território historicamente disputado.

É a partir dessa articulação que o CIRCUNESP recusa modelos formativos centrados exclusivamente na prescrição, na mensuração e no controle dos corpos, apostando em práticas circenses que privilegiam a escuta, a criação, o jogo, a experimentação e a construção coletiva do conhecimento. Essa crítica, contudo, não pretende homogeneizar o campo da Educação Física nem desconsiderar a existência, no interior das universidades, de propostas formativas comprometidas com dimensões pedagógicas, culturais e sociais do movimento humano. Trata-se, antes, de reconhecer que a formação em Educação Física constitui um campo plural e em disputa, no qual coexistem diferentes matrizes epistemológicas e pedagógicas. Ao situar-se nesse campo, o CIRCUNESP aproxima-se de perspectivas que buscam ampliar a compreensão do corpo para além de sua redução a objeto de rendimento, prescrição ou normalização.

Em consonância com essa compreensão, a aposta pedagógica do projeto privilegia práticas em que o corpo seja vivido como sujeito da experiência e não apenas como suporte de execução técnica. Ao afirmar que “não existe homem interior, o homem está no mundo, e é no mundo que ele se conhece” (Merleau-Ponty, 2006, p. 6), a fenomenologia oferece um fundamento decisivo para pensar o circo como linguagem corporal capaz de mobilizar presença, sensibilidade, relação e criação. É nesse horizonte que se inscrevem as escolhas pedagógicas do CIRCUNESP, orientadas por uma compreensão de corpo que, ao mesmo tempo, reconhece a experiência vivida e problematiza os dispositivos que historicamente procuram regulá-la.

Nesse contexto, o corpo circense pode ser compreendido como um corpo que se constitui na relação com a instabilidade, o risco e o erro, exigindo dos sujeitos processos contínuos de atenção, reorganização e criação diante do imprevisível. Longe de serem vividos apenas como falhas a serem corrigidas, o erro e o risco passam a integrar a própria experiência formativa, mobilizando aprendizagens que envolvem escuta, adaptação, sensibilidade e invenção. Essa dinâmica permite aproximar o corpo circense da noção de “corpos-outros”, proposta por Godoy

(2023), segundo a qual nenhum corpo se constitui de forma isolada, mas sempre em agenciamento com outros corpos, objetos, espaços, forças e afetos. No caso das práticas circenses, isso significa reconhecer que o corpo se forma na relação com aparelhos, materiais, parceiros, apoios, desequilíbrios e temporalidades específicas da prática, produzindo modos singulares de perceber, agir e criar. No âmbito do CIRCUNESP, essa compreensão sustenta escolhas pedagógicas que valorizam o erro, a experimentação e a relação entre os participantes como dimensões constitutivas dos processos de aprendizagem.

No CIRCUNESP, o erro não é tratado como falha a ser corrigida, mas como condição de criação e aprendizagem, reconhecendo que é na experiência do limite (Favari *et al.*, 2021), da tentativa e da errância que se produzem deslocamentos nos modos de agir e existir. Essa compreensão dialoga com Fábio Ângelo (2009) e com Dal Gallo (2010), ao afirmar o caráter integral do corpo-aluno e mobilizar dimensões físicas, simbólicas, emocionais e relacionais nos processos pedagógicos circenses.

Figura 1 - Primeira apresentação circense do CIRCUNESP, em evento cultural realizado em praça pública do município de Rio Claro, onde o projeto é sediado, no interior do estado de São Paulo.



Fonte: Acervo do CIRCUNESP (2022).

Ao valorizar a singularidade dos percursos formativos e a diversidade dos corpos, o CIRCUNESP distancia-se de modelos pedagógicos orientados pelo alto rendimento e pela normatização dos gestos. Suas intencionalidades pedagógicas não visam à homogeneização técnica nem à produção de performances ideais, mas à criação de ambientes educativos nos quais cada sujeito possa experimentar seus limites, reconhecer suas potências e construir sentidos próprios para sua relação com o corpo, com o movimento e com o coletivo. Assim, o projeto afirma o circo como um campo de resistência às lógicas de controle e prescrição que atravessam a formação universitária em Educação Física, apostando no corpo como lugar de experiência, criação e produção de subjetividades.

As concepções pedagógicas que orientam o CIRCUNESP incidem diretamente sobre a forma como o projeto se constitui como prática educativa e campo de produção de conhecimento no interior da universidade. Ao tensionar racionalidades positivistas e biologicistas historicamente presentes na formação em Educação

Física, o projeto recusa modelos investigativos que dissociam sujeito e objeto, teoria e prática, intervenção e análise. É a partir dessas concepções que se delineia o percurso metodológico adotado, entendido não como procedimento externo à experiência pedagógica, mas como construção implicada em sua própria dinâmica. A seguir, explicitam-se os caminhos metodológicos que sustentam essa escolha.

2.2 METODOLOGIA COMO EXPERIÊNCIA: UM PERCURSO TEÓRICO-REFLEXIVO

O presente artigo configura-se como um estudo de abordagem qualitativa, de natureza teórico-reflexiva, construído a partir da sistematização da experiência pedagógica desenvolvida no Projeto CIRCUNESP – Circo Social na Universidade, realizado na UNESP Campus Rio Claro. A investigação empírica fundamenta-se na articulação entre documentos e registros produzidos pelo projeto extensionista e referenciais teóricos, tomando a experiência pedagógica como eixo de análise. A partir dessa sistematização, desenvolve-se uma reflexão crítica e situada sobre uma proposição pedagógica em circo, elaborada no entrelaçamento entre prática educativa, pensamento pedagógico e fundamentação teórica.

O percurso metodológico compreende o método não como um conjunto de procedimentos técnicos previamente definidos, mas como um caminho construído no próprio processo de reflexão e escrita, em consonância com perspectivas que reconhecem a experiência como dimensão constitutiva da produção de conhecimento em educação (Gatti, 2010; Minayo, 2014). Nessa direção, a sistematização da experiência constitui um movimento analítico que permite transformar a prática vivida em objeto de conhecimento por meio de sua organização, reconstrução e interpretação crítica, favorecendo a compreensão da lógica da experiência, dos fatores que a constituem e das aprendizagens produzidas ao longo do percurso (Holiday, 2006; Torres Carrillo, 2017, 2024).

Nesse sentido, aproxima-se das reflexões de Larrosa (2002), onde a experiência diz respeito menos ao acontecimento em si e mais aos efeitos que ele produz nos sujeitos, atravessando-os e transformando-os – compreensão que sustenta a escolha metodológica assumida neste trabalho. A reflexão apresentada neste texto sustenta-se, portanto, como eixos de sistematização, na análise dos documentos pedagógicos do projeto – como organização e modelos de aula – e em registros visuais das atividades circenses e ações culturais realizadas, articulados ao percurso histórico do CIRCUNESP e ao diálogo com a literatura especializada nos campos do circo, da Educação Física e dos estudos filosóficos e sociológicos do corpo. Esses materiais não são tratados como dados empíricos a serem analisados de forma objetiva, mas como suportes para a sistematização de escolhas pedagógicas, intencionalidades formativas e modos de organização das práticas circenses desenvolvidas no âmbito do projeto.

Ao assumir a experiência (Larrosa, 2002; Holiday, 2006; Torres Carrillo, 2017, 2024; Godoy; Scaglia, 2024) como eixo metodológico, o artigo explicita seus limites e recusas, isto é, não busca avaliar impactos, medir resultados ou estabelecer

modelos universais de ensino do circo. Seu objetivo é compartilhar uma possibilidade de pedagogia do circo no contexto universitário, compreendendo a extensão como espaço legítimo de produção de conhecimento e a reflexão pedagógica como exercício ético-político de resistência às racionalidades positivistas e biologicistas historicamente presentes na formação em Educação Física. Tal opção metodológica insere-se no campo das pesquisas qualitativas em educação que reconhecem a experiência pedagógica como fonte legítima de produção de conhecimento (Bogdan; Biklen, 1994; Gatti, 2010; Minayo, 2014).

Ao compreender a metodologia como experiência e a escrita como gesto de sistematização pedagógica, torna-se necessário explicitar como essas concepções se materializam nas práticas circenses desenvolvidas no projeto. A seguir, apresentam-se as escolhas pedagógicas que organizam o CIRCUNESP no cotidiano de seus encontros, evidenciando a articulação entre formação em Educação Física, práticas circenses e produção de sentidos corporais.

2.3 PRÁTICAS CIRCENSES E ESCOLHAS PEDAGÓGICAS

2.3.1 Artes Circenses, formação em Educação Física e pedagogia do corpo

As Artes Circenses configuram uma possibilidade pedagógica relevante para a formação em Educação Física (Duprat; Bortoleto, 2007; Ontañón; Duprat; Bortoleto, 2012; Ontañón; Bortoleto, 2014), especialmente por ampliarem as compreensões sobre o corpo e suas experiências. Em muitos casos, estudantes em formação e participantes da comunidade acessam essas práticas a partir de repertórios restritos acerca de suas dimensões subjetivas, simbólicas e relacionais, frequentemente reduzidas, no discurso hegemônico da área, a benefícios fisiológicos ou funcionais (Rangel-Betti; Betti, 1996; Betti, 2005).

Figura 2 - Ação cultural com outras extensões universitárias circenses (Circo da Barra – IA UNESP e CIRCOIA – IA Unicamp).



Fonte: Acervo do CIRCUNESP (2023).

Ao inserir as Artes Circenses no contexto universitário, o CIRCUNESP tensiona essa racionalidade ao propor experiências corporais que mobilizam não apenas capacidades físico-motoras, mas também processos de atenção, escuta, sensibilidade, criação e relação com o outro. Nessa perspectiva, o movimento humano

é compreendido como prática social e cultural historicamente produzida, carregada de significados e atravessada por valores, relações de poder e intencionalidades pedagógicas (Bracht, 1999). Trata-se de uma pedagogia que reconhece o corpo como lugar de experiência e produção de sentidos, distanciando-se de concepções mecanicistas e biologicistas ainda presentes na formação em Educação Física (Kunz, 2004; Bracht, 1999).

Nesse horizonte, a proposta do projeto dialoga com a necessidade de uma formação inicial capaz de articular atuação profissional e dimensão ética do cuidado com o outro. Considerando que o discurso e a intervenção do profissional de Educação Física ocupam socialmente um lugar de autoridade e confiança, tornam-se necessários processos formativos que ultrapassem o domínio técnico-instrumental e incorporem uma compreensão ampliada da corporeidade dos sujeitos com os quais se intervém.

Ao articular experiências de refinamento técnico, exploração criativa, erro e experimentação, as práticas circenses desenvolvidas no CIRCUNESP constituem um campo fértil para esse deslocamento pedagógico. No interior do projeto, essas dimensões são compreendidas como complementares, permitindo que cada participante construa percursos singulares de aprendizagem em diálogo com seus limites, ritmos e potências corporais. Em vez de subordinar a participação a padrões prévios de desempenho ou à execução padronizada dos gestos, o CIRCUNESP organiza suas práticas por meio de jogos, treinos guiados e processos de criação coletiva, nos quais a aprendizagem se constrói pela experimentação, pela relação com o outro e pela ampliação progressiva da autonomia.

Nessa direção, o circo é afirmado como prática corporal e cultural historicamente produzida e recontextualizada no âmbito da extensão universitária, capaz de deslocar expectativas normativas de rendimento ao valorizar processos de criação, experimentação e elaboração coletiva da experiência. Como sugere Godoy (2023), criar implica mover-se entre incerteza e desejo, em um processo no qual a expansão do sujeito não se realiza pela adequação a uma forma pronta, mas pela invenção de modos singulares de agir e compor com o mundo. Aproximando-se de Espinosa (2021), trata-se de compreender a liberdade menos como resultado acabado e mais como potência produzida no próprio processo de criação.

Nessa perspectiva, o CIRCUNESP insere-se no campo das pedagogias do corpo que resistem às lógicas de controle, normalização e produtividade, apostando na experiência circense como linguagem expressiva, educativa e formativa no contexto universitário da Educação Física.

2.3.2 Constituição histórica e organização pedagógica do CIRCUNESP

Este tópico apresenta a experiência do CIRCUNESP, ação extensionista desenvolvida na Universidade Estadual Paulista – UNESP Campus Rio Claro que articula práticas circenses, formação em Educação Física e diálogo com a comunidade. Criado em 2021, no contexto da retomada das atividades presenciais após a pandemia de COVID-19, o projeto surgiu a partir de um edital institucional

de incentivo à cultura voltado à permanência estudantil, abrindo espaço de experimentação corporal, convivência e formação por meio das artes circenses.

Inicialmente denominado "Investigações de Manipulação e Confecção Experimental de Malabares", o projeto adotou essa modalidade como porta de entrada para o universo circense, em razão de seu caráter acessível, lúdico e inclusivo. Os encontros semanais reuniam estudantes de diferentes cursos e participantes da comunidade externa, favorecendo um espaço heterogêneo de aprendizagem e ampliação do repertório corporal. O desenvolvimento do grupo resultou em intervenções culturais em eventos institucionais, evidenciando o potencial das práticas circenses no contexto universitário.

Em 2022, o projeto foi renovado por meio de novo edital institucional, passando a assumir a denominação Projeto CIRCUNESP – Circo Social na Universidade e a explicitar de forma mais contundente sua orientação pedagógica vinculada ao campo do circo social. Essa inflexão não representa uma ruptura com a proposta anterior, mas um aprofundamento conceitual e político, no qual o circo passa a ser compreendido como prática educativa capaz de fomentar processos de socialização, criação artística, formação humana e produção de subjetividades. Ao adotar o circo social como horizonte, o projeto reafirma seu compromisso histórico com ações voltadas ao acolhimento de sujeitos em contextos diversos, reconhecendo, contudo, que tais práticas podem – e devem – estender-se também a jovens, adultos e idosos que integram a comunidade universitária e seu entorno.

A partir dessa reorganização, os encontros passaram a ocorrer duas vezes por semana, com duração média de duas horas, sendo realizados no Ginásio de Ginástica Artística, nas dependências do Departamento de Educação Física da universidade. Embora sediado nesse espaço institucional, o CIRCUNESP não se restringe ao público da Educação Física, mantendo-se aberto a estudantes de diferentes áreas do conhecimento e à comunidade externa, reafirmando a extensão universitária como campo de produção de saberes e circulação cultural.

Ao longo de sua trajetória, o CIRCUNESP mobilizou aproximadamente 60 participantes, com média de 15 a 20 por encontro. Embora estudantes de Educação Física tenham integrado o projeto de modo recorrente - cerca de oito desde o início -, a maior parte do grupo foi composta por estudantes de outros cursos de licenciatura, como Pedagogia, Matemática, Geografia, Geologia, Biologia e Física. Houve também participação recorrente de cerca de 10 integrantes da comunidade externa, oriundos majoritariamente de bairros periféricos do entorno do campus, entre eles crianças de escolas públicas da cidade, com idades entre 9 e 12 anos. Apesar de certa rotatividade, observou-se relativa estabilidade do grupo, favorecendo vínculos, continuidade dos processos formativos e fortalecimento do caráter extensionista da proposta.

A constituição histórica e organizacional do CIRCUNESP articula-se às suas escolhas pedagógicas. As condições institucionais de sua criação, a ampliação do projeto e sua inserção no campo da extensão universitária (Coelho, 2014; Ontañón *et al*., 2016; Santos Rodrigues *et al*., 2020; Tyszka; Kronbauer, 2023; Ontañón;

Oliveira, 2023) produziram um espaço formativo no qual as práticas circenses se organizam a partir de intencionalidades que privilegiam experiência, ludicidade, criação e diversidade dos corpos. É desse entrelaçamento entre contexto, concepção e prática que se delineiam os modos de organização dos encontros.

Figura 3 - Participantes do CIRCUNESP em uma ação social realizada nas dependências de uma escola pública na periferia da cidade de Rio Claro/SP.



Fonte: Acervo do CIRCUNESP (2024).

2.3.3 O lúdico, o jogo e a cultura popular na organização pedagógica dos encontros

No CIRCUNESP, o lúdico não é compreendido como recurso acessório ou estratégia motivacional, mas como princípio pedagógico estruturante das práticas circenses. Essa compreensão desloca o jogo de uma função meramente instrumental para situá-lo como forma específica de relação com o mundo, com o corpo e com o outro, marcada pela suspensão provisória das lógicas produtivistas e normativas que atravessam a formação em Educação Física (Godoy, 2023).

Em diálogo com Huizinga (1999), o jogo é entendido como atividade dotada de sentido em si mesma, que instaura um tempo-espaço distinto da vida ordinária, no qual regras, gestos e relações se reorganizam de modo singular. Essa suspensão não implica alienação, mas cria condições para experiências corporais mais abertas à invenção, à imprevisibilidade e ao encontro, elementos centrais na linguagem circense. Nessa perspectiva, o jogo opera como campo de experimentação em que erro, risco e instabilidade deixam de ser falhas a serem eliminadas e passam a constituir a própria matéria do aprender.

A pedagogia do jogo, conforme discutida por Brougère (1998) e Favari *et al*. (2021), permite compreender o lúdico como fenômeno cultural, atravessado por valores, símbolos e formas de socialização historicamente construídas. No

CIRCUNESP, essa dimensão articula-se à cultura popular brasileira, entendida não como repertório folclorizado, mas como campo vivo de saberes, memórias e resistências (Arantes, 1985). Ao acionar jogos, brincadeiras e dinâmicas corporais oriundas desse universo cultural, o projeto tensiona modelos hegemônicos de corporalidade baseados na eficiência, no controle e na padronização dos gestos.

Essa articulação entre circo, ludicidade e cultura popular sustenta uma concepção de formação que valoriza a pluralidade dos corpos e das experiências, reconhecendo o aprendizado como processo relacional e situado. Como apontam Mendes (2020), Favari *et al*. (2021), Scaglia, Fabiani e Godoy (2020) e Godoy e Scaglia (2024), o jogo favorece a construção coletiva do conhecimento, o diálogo e a ampliação do repertório motor e simbólico dos sujeitos envolvidos. No CIRCUNESP, tais princípios fundamentam uma proposição pedagógica que aposta na potência do lúdico como meio de produção de sentidos, vínculos e subjetividades, afirmando o circo como prática cultural e educativa comprometida com uma formação corporal integral.

2.3.4 Organização didático-operacional das práticas circenses no CIRCUNESP

À luz das intencionalidades pedagógicas e dos princípios formativos anteriormente discutidos, as práticas circenses desenvolvidas no CIRCUNESP organizam-se de modo a assegurar coerência entre concepção teórica e ação educativa, sem recorrer a modelos rígidos ou protocolos fechados. A organização didático-operacional dos encontros constitui-se como uma estrutura recorrente e flexível, sensível às singularidades dos participantes, às especificidades das modalidades circenses e aos processos formativos em curso.

Os encontros possuem duração média de 90 minutos e estruturam-se, em geral, em três momentos articulados. O primeiro destina-se à ativação corporal e à preparação sensível dos participantes, por meio de práticas que transitam de movimentos mais gerais para ações específicas relacionadas à modalidade circense desenvolvida. Mais do que preparar o corpo para a prática, esse momento busca favorecer atenção, presença e disponibilidade para a experiência.

O segundo momento mobiliza jogos e brincadeiras, frequentemente oriundos da cultura popular brasileira, em diálogo com os princípios técnicos e expressivos das modalidades circenses. O jogo é compreendido como dispositivo pedagógico que legitima a ludicidade, o erro e a experimentação como dimensões constitutivas da aprendizagem. É nesse contexto que se desenvolvem modalidades como acrobacias, aéreos, equilibrismo, malabares e palhaçaria, articulando exploração técnica, investigação corporal e relações coletivas em uma perspectiva que desloca o foco da execução padronizada para a construção compartilhada da experiência (Kunz, 2004; Betti, 2005).

À medida que os participantes ampliam sua familiaridade com as modalidades circenses e consolidam vínculos de confiança com o grupo e com o espaço, as práticas passam a contemplar momentos de maior autonomia, denominados no projeto de treinos guiados. Nesses momentos, a mediação pedagógica desloca-

se da condução direta para o acompanhamento dialógico, favorecendo percursos singulares de aprendizagem e a exploração das possibilidades técnicas e expressivas de cada participante.

Um fragmento da experiência dessa dinâmica ocorreu em um encontro em que os participantes foram divididos em grupos organizados a partir de diferentes modalidades circenses - malabares, acrobacias, equilibrismo e aéreos - e desafiados a construir, coletivamente, pequenas composições corporais a partir de um sentimento sorteado, como alegria, tristeza, amor ou raiva. Cada grupo deveria mobilizar os fundamentos de sua modalidade para criar ações e sequências circenses capazes de expressar o sentimento recebido, de modo que os demais participantes pudessem reconhecê-lo. Mais do que reproduzir gestos previamente definidos, a atividade exigia negociação coletiva, experimentação, leitura sensível do movimento e invenção de possibilidades expressivas no interior de cada linguagem circense. Situações como essa explicitam como o CIRCUNESP articula exploração técnica, criação e trabalho coletivo sem subordinar a aprendizagem à execução padronizada dos movimentos, favorecendo percursos de experimentação nos quais cada grupo constrói suas soluções em diálogo com seus próprios ritmos, repertórios e modos de compor com o outro.

Figura 4 - Atividades de acrobacias (à esquerda superior), aéreos (à direita superior), equilibrismo (à esquerda inferior) e malabares (à direita inferior) nos encontros do CIRCUNESP, nas dependências do Departamento de Educação Física.



Fonte: Acervo do CIRCUNESP (2024).

Em determinados momentos do percurso formativo, especialmente quando os participantes demonstram maior segurança corporal e envolvimento com a prática, são desenvolvidos processos de ensaio e criação de números circenses, individuais ou coletivos. Esses ensaios não se configuram como finalidade produtivista ou espetacularizante, mas como desdobramento da experiência vivida, no qual os sujeitos

assumem de modo mais explícito a condição de artistas-criadores. A elaboração dos números envolve escolhas estéticas, reflexões coletivas e experimentações, respeitando sempre os ritmos, desejos e limites de cada participante.

Dessa forma, a organização didático-operacional do CIRCUNESP materializa uma pedagogia do circo orientada pela experiência, pela ludicidade, pela criação e pela construção coletiva do conhecimento. Mais do que organizar conteúdo ou sequências técnicas, essa estrutura busca produzir condições para que os participantes construam percursos formativos singulares, nos quais o corpo é vivido como lugar de relação, aprendizagem e produção de sentidos.

3 CORPO, EXPERIÊNCIA E FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: TENSÕES E DESLOCAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS

A formação universitária em Educação Física, historicamente marcada pela busca de legitimação científica, consolidou-se majoritariamente a partir de uma racionalidade biomédica e positivista, na qual o corpo é compreendido como objeto mensurável, passível de controle, prescrição e otimização. Nessa perspectiva, as práticas corporais tendem a ser reduzidas a seus efeitos fisiológicos ou funcionais, assumindo um caráter instrumental que frequentemente esvazia suas dimensões simbólicas, históricas, afetivas e relacionais.

Tal racionalidade encontra limites evidentes quando confrontada com o conceito de experiência, entendido não como mera vivência episódica ou acúmulo de estímulos, mas como processo sensível e singular de constituição do sujeito. Conforme apontam Silva *et al*. (2009), a experiência envolve regiões da percepção e da sensibilidade que escapam à plena racionalização, o que dificulta sua redução à lógica cientificista. Como destacam os autores:

> Essas características tornam difícil a transformação da experiência em objeto de conhecimento para a racionalidade cientificista, a qual tende a reduzir as práticas corporais ao seu aspecto de comportamento motor, exercitação ou mera atividade física (Silva *et al*., 2009, p. 10–11).

Essa tensão relaciona-se à própria constituição acadêmica da área, que durante décadas privilegiou investigações de natureza biológica, especialmente nos campos da fisiologia do exercício, do desenvolvimento motor e do controle do movimento. Como demonstram Hunger *et al.* (2009), essa orientação contribuiu para o reconhecimento científico da Educação Física, mas também para o afastamento das dimensões culturais e subjetivas do corpo nos currículos e nas práticas formativas. favorecendo sua objetificação por meio de indicadores técnicos e fisiológicos (Silva *et al*., 2009).

Reconhecer os limites dessa matriz epistemológica não implica negar a relevância dos conhecimentos biofisiológicos para a atuação profissional, mas problematizar sua hegemonia na formação universitária. Nesse sentido, Oliveira (2005) aponta a necessidade de incorporar, de forma sistemática, as dimensões afetivas e relacionais do corpo, compreendendo-as como constitutivas – e não acessórias – do processo formativo em Educação Física.

Um deslocamento importante nesse debate pode ser observado no campo da Educação Física Escolar, especialmente a partir da consolidação do conceito de cultura corporal proposto por Soares e colaboradores (2012). Ao compreender as práticas corporais como formas simbólicas historicamente, essa perspectiva rompe com a centralidade da aptidão física como finalidade pedagógica e reposiciona o corpo como lugar de produção de sentidos e significados. Desdobramentos dessa matriz teórica aparecem também em Betti (2009), Bracht (2019) e Kunz (2004), que ampliam o campo de compreensão do movimento humano para além das explicações naturalistas. Esse movimento de ampliação também se expressa em documentos como a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), ao reconhecer que as práticas corporais possibilitam experiências estéticas, lúdicas e culturais, evidenciando a abertura de um campo de disputa epistemológica no qual a experiência corporal passa a ser considerada forma legítima de conhecimento.

Nesse horizonte, a proposta da Motricidade Humana, desenvolvida por Manuel Sérgio (1995), adquire relevância ao criticar a herança cartesiana que separa corpo e mente e reduz o movimento a fenômeno mecânico. Para o autor, o corpo deve ser compreendido como sujeito em ato, constituído na relação com o mundo. Como afirma Sérgio (2007, p. 19), “É pelo corpo que se está e se age no mundo. Assim, o facto de existirmos supõe o corpo próprio, o corpo sujeito e não tanto o corpo objecto”, deslocando a Educação Física de uma lógica de administração de corpos-objetos para a compreensão do movimento como expressão histórica, cultural e existencial dos sujeitos.

É nesse campo de tensionamento que se insere o CIRCUNESP, ao afirmar as práticas circenses como possibilidade pedagógica capaz de recolocar o corpo no centro da formação universitária, não como objeto de controle, mas como lugar de experiência, relação e produção de sentidos. Ao organizar suas práticas em torno da experimentação, da criação e da escuta, o projeto desloca a técnica circense da condição de fim em si para concebê-la como mediação formativa. Nesse contexto, o circo emerge como linguagem corporal que dialoga criticamente com a Educação Física, abrindo possibilidades para modos outros de pensar, ensinar e experienciar o corpo no ambiente universitário.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo apresentar, analisar e refletir criticamente sobre as ações pedagógicas desenvolvidas pelo Projeto CIRCUNESP – Circo Social na Universidade, discutindo como suas práticas circenses, fundamentadas em uma concepção ampliada de corpo e movimento, suscitam reflexões sobre os modos de ensinar, aprender e experienciar o corpo na formação em Educação Física. Ao longo do texto, buscou-se explicitar os fundamentos teóricos, as intencionalidades pedagógicas e as escolhas didático-operacionais que sustentam o projeto, compreendendo o circo como prática cultural e educativa que produz saberes por meio da experiência corporal.

Movimento, v. 32, e32059, 2026. DOI: https://doi.org/10.22456/1982-8918.155200

Ao inserir as artes circenses no contexto universitário, o CIRCUNESP tensiona modos hegemônicos de compreender o corpo e a formação profissional em Educação Física, historicamente marcados por racionalidades biologicistas, prescritivas e instrumentalizadas. Sem negar a importância dos conhecimentos de base biológica, o projeto aposta na ampliação do olhar formativo, reconhecendo o corpo como lugar de experiência, criação, relação e produção de sentidos, dimensão frequentemente secundarizada nos currículos universitários.

Importa destacar que este texto não se propõe a avaliar resultados, mensurar impactos ou estabelecer parâmetros universais de ensino do circo. Trata-se de uma reflexão teórico-pedagógica ancorada na experiência extensionista do projeto, que assume seus limites e recusas metodológicas ao optar por compartilhar um percurso, e não um modelo. Nesse sentido, o CIRCUNESP é apresentado como uma possibilidade de pedagogia do circo, construída a partir de escolhas éticas, políticas e pedagógicas específicas, vinculadas a um contexto institucional e histórico determinado.

Ao valorizar o lúdico, o jogo, a cultura popular e a diversidade dos corpos, as práticas desenvolvidas no projeto afirmam o circo como linguagem corporal potente para a formação universitária, capaz de produzir deslocamentos nos modos de ensinar, aprender e compreender o corpo no interior da Educação Física. Tais deslocamentos não se pretendem conclusivos nem generalizáveis, mas indicativos de caminhos possíveis para pensar a educação do corpo para além de lógicas de controle, padronização e desempenho.

Por fim, espera-se que a proposição aqui apresentada possa contribuir para o fortalecimento do diálogo entre circo, Educação Física e universidade, somando-se a outras experiências, pesquisas e práticas que vêm consolidando as artes circenses como campo legítimo de produção de conhecimento. Mais do que oferecer respostas definitivas, este artigo se coloca como um convite à reflexão, à experimentação e à construção coletiva de pedagogias do circo comprometidas com a experiência, a pluralidade e a formação humana no ensino superior.

REFERÊNCIAS

ABREU, Luis Alberto; SILVA, Ermínia. **Respeitável público... o circo em cena**. Rio de Janeiro: Edições Funarte, 2009.

ANGELO, Fabio Henrique Bartolomeu. **Corpo e subjetividade:** um estudo sobre o processo de criação na Escola Nacional de Circo/FUNARTE. 2009. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2009.

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BETTI, Mauro. Educação física como prática científica e prática pedagógica: reflexões à luz da filosofia da ciência. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 3, p.183-197, jul./set. 2005. Disponível em: https://revistas.usp.br/rbefe/pt_BR/article/view/16594. Acesso em: 15 nov. 2025.

BETTI, Mauro. **Educação Física escolar:** ensino e pesquisa-ação. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2009.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Atividades circenses: notas sobre a pedagogia da educação corporal e estética. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 2, n. 2, p. 43-55, jul. 2011. Disponível em: http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/1256/651. Acesso em: 15 nov. 2025.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho *et al.* (org.). **Vozes do circo social no Brasil**: práticas, diálogos e reflexões. Campinas: FEF-Unicamp, 2024

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos CEDES**, v. 19. n. 48, p. 69-88 1999. DOI: https://doi.org/10.1590/S0101-32621999000100005

BRACHT, Valter. **A Educação Física Escolar no Brasil:** o que ela vem sendo e o que pode ser. Ijuí: Ed. Unijuí, 2019.

BRACHT, Valter. Educação Física & Ciência: cenas de um casamento (in)feliz. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 22, n. 3, p. 53-63, set. 2006. Disponível em: http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/81/87. Acesso em: 04 jan. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 15 nov. 2025.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. *In:* KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 1998. p. 19-32.

CASTRO, Glaucia Cristina; GONÇALVES, Aguinaldo. Intervenção e formação em educação física com destaque à saúde. **Motriz,** v. 15, n. 2, p. 374-382, abr./jun. 2009. Disponível em: https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/2576. Acesso em: 04 jul. 2026.

COELHO, Geraldo Ceni. O papel pedagógico da extensão universitária. **Revista Em Extensão**, v. 13, n. 2, p. 11–24, 2014. DOI: https://doi.org/10.14393/REE-v13n22014_art01

DAL GALLO, Fabio. O corpo do performer no circo e no circo social. **Cadernos do GIPE-CIT**, v. 13, n. 25, p. 63-70, 2010. Disponível em: https://www.circonteudo.com/wp-content/uploads/2018/10/Fabio-dal-Gallo-O-Corpo-do-perfomer-no-circo-e-no-circo-social..pdf. Acesso em: 12 nov. 2025.

DUPRAT, Rodrigo Mallet; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Educação Física Escolar: pedagogia e didática das atividades circenses. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, n. 2, p. 171-189, jan. 2007. Disponível em: http://rbce.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/viewFile/63/71. Acesso em: 04 jul. 2026.

DUPRAT, Rodrigo Mallet; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. O Corpo na formação dos circenses. **Revista do LUME**, n. 8, dez. 2015. Disponível em: https://orion.nics.unicamp.br/index.php/lume/article/view/374/320. Acesso em: 04 jul. 2026.

ESPINOSA, Baruch. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

FAVARI, Kaique Bueno de Camargo; GODOY, Luis Bruno de; ZAIM-DE-MELO, Rogério; SCAGLIA, Alcides José; GALATTI, Larissa Rafaela. O malabarismo da prática à socialização: estimulando a potencialidade criativa por meio do jogo. **Licere**, v. 24, n. 4, p. 666-691, dez. 2021. DOI: https://doi.org/10.35699/2447-6218.2021.37740

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade:** curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1997.

FREITAS, Fabiana Fernandes de; BRASIL, Fernanda Kundrát; SILVA, Cinthia Lopes da. Práticas corporais e saúde: novos olhares. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 27, n. 3, p. 169-183, mai. 2006. Disponível em: http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/81/87. Acesso em: 15 nov. 2025.

GATTI, Bernadete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. 3. ed. Brasília, DF: Liber Livro, 2010.

GODOY, Luis Bruno de. **O Jogo enquanto um emaranhado rizomático:** devindo jogadores-artistas. 2023. 271f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2023.

GODOY, Luís Bruno de; SCAGLIA, Alcides José. Os afetos provenientes do jogar: o devir jogador-artista por meio da experiência. **Fair Play. Revista de Filosofía, Ética y Derecho del deporte**, n. 26. p. 32-50, 2024. Disponível em: https://raco.cat/index.php/FairPlay/article/view/432514. Acesso em: 04 jul. 2026.

GUEDES, Larissa Sttéfany de Paula. **Era uma vez um circo:** a história do Circo Lahetô. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Cênicas) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências**. Tradução: Maria Viviana V. Resende. 2. ed. Brasília: MMA, 2006.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens:** o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1999.

HUNGER, Dagmar Aparecida Cynthia França; SOUZA NETO, Samuel; PEREIRA, Juliana Martins; FRANCO, Flavia Carneiro; ROSSI, Fernanda. Formação acadêmica em educação física: “corpos” (docente e discente) de conhecimentos fragmentados. **Motriz**, v. 15, n. 1, p. 79-91, jan./mar. 2009. Disponível em: https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/2155. Acesso em: 4 jul. 2026.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** 6 ed. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2004.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 25 out. 2025.

LOBO, Lilia; CASSOLI, Thiago. Circo social e práticas educacionais não governamentais. **Psicologia & Sociedade**, v. 18, n. 3, p. 62-67, 2006. DOI: https://doi.org/10.1590/S0102-71822006000300009

LOPES, Daniel de Carvalho; SILVA, Ermínia. Circo social e suas histórias: impulsos e provocações pela emergência de suas histórias múltiplas. *In:* BORTOLETO, Marco Antonio Coelho *et al.* (org.). **Vozes do circo social no Brasil:** práticas, diálogos e reflexões. Campinas: FEF-Unicamp, 2024. p. 11-17.

MENDES, Simone de Fátima Alves. **Conhecimento corporal na educação infantil**: uma proposta pedagógica a partir da arte circense e de brincadeiras infantis. 2020. 175 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

OLIVEIRA, Greice Kelly de. **Afetividade e prática pedagógica:** uma proposta desenvolvida em um curso de formação de professores de Educação Física. 2005. 399 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

ONTAÑÓN BARRAGÁN, Teresa; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Todos a la pista: el circo en las clases de educación física. **Apunts. Educación Física y Deportes** , n. 115, 1.er trimestre (enero-marzo), p. 37-45, 2014. DOI: https://doi.org/10.5672/apunts.2014-0983.es.(2014/1).115.03

ONTAÑÓN BARRAGÁN, Teresa; DUPRAT, Rodrigo Mallet; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Educação física e atividades circenses: o estado da arte. **Movimento**, v. 18, n. 2, p. 149-168, 2012. DOI: https://doi.org/10.22456/1982-8918.22960

ONTAÑÓN BARRAGÁN, Teresa; OLIVEIRA, Nátalia Araújo. Aprendendo a ensinar circo: a curricularização da extensão universitária e seus impactos na formação dos discentes. **Revista Conexão**, v. 19, n. 1, p. 1-14, 2023: DOI: https://doi.org/10.5212/Rev.Conexao.v.18.21747.037

ONTAÑÓN BARRAGÁN, Teresa; RODRIGUES, Gilson Santos; SPOLAOR, Gabriel da Costa; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. O papel da extensão universitária e sua contribuição para a formação acadêmica sobre as atividades circenses. **Pensar a Prática**, v. 19, n. 1, p. 42-55, 2016. DOI: https://doi.org/10.5216/rpp.v19i1.35857

RANGEL-BETTI, Irene Conceição; BETTI, Mauro. Novas perspectivas na formação profissional em Educação Física, **Motriz**, v. 2, n. 1, 1996. Disponível em: https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/6507. Acesso em: 4 jul. 2026.

SANTOS RODRIGUES, Gilson; ONTAÑÓN, Teresa Barragán; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; PRODOCIMO, Elaine. A extensão universitária e as atividades circenses: notas sobre um encontro formativo. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 28, n. 2, p. 1-15, 2020. DOI: https://doi.org/10.31501/rbcm.v28i2.10584

SCAGLIA, Alcides José; FABIANI, Débora Jaqueline Farias; GODOY, Luis Bruno de. Dos jogos tradicionais às técnicas corporais: um estudo a partir das relações entre jogo e cultura lúdica. **Corpoconsciência**, v. 24, n. 2, p. 187-207, mai./ago., 2020. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/10780. Acesso em: 4 jul. 2026.

SÉRGIO, Manuel. **Motricidade humana:** um paradigma emergente. Blumenau, SC: Ed. da FURB, 1995.

SÉRGIO, Manuel. **Textos insólitos.** Lisboa: Instituto Piaget, 2007.

SILVA, Ana Márcia *et al*. Corpo e experiência: para pensar as práticas corporais. *In*: FALCÃO, José Luiz Cirqueira; SARAIVA, Maria do Carmo (org.). **Práticas corporais no contexto contemporâneo:** (in)tensas experiências. Florianópolis: Copiart, 2009. p. 9-24.

SILVA, Ermínia O circo era uma escola única e permanente. In: SILVEIRA, Cleia (org.). Rede Circo do Mundo Brasil: uma proposta metodológica em rede. Rio de Janeiro: FASE, 2003. p. 34-38. Disponível em: https://fase.org.br/wp-content/uploads/2003/06/Revista+Circo+do+Mundo+Brasil_pequeno.pdf. Acesso em: 31 jul. 2026

SOARES, Carmem Lúcia *et al*. **Metodologia do ensino de Educação Física**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SOMME, Maria Isabel; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Circo social: nas entrelinhas das produções acadêmicas brasileiras em programas de pós-graduação no Brasil. **Revista de Educação Popular**, v. 23, n. 1, p. 126-148, jan./abr. 2024. DOI: https://doi.org/10.14393/REP-2024-70997

TORRES CARRILLO, Alfonso. **Educação Popular:** trajetória e atualidade. Tradução: Fernanda dos Santos Paulo. Porto Alegre: Livrologia, 2024.

TORRES CARRILLO, Alfonso. **La sistematización de experiencias como investigación crítica interpretativa**. Bogotá: Editorial El Búho, Corporación Síntesis, 2017.

TUCUNDUVA, Bruno Barth Pinto; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. O circo e a inovação curricular na formação de professores de educação física no Brasil. **Movimento**, v. 25, p. 1-14, 2019. DOI: https://doi.org/10.22456/1982-8918.88131

TYSZKA, Saara; KRONBAUER, Glaucia Andreza. Circo e a extensão universitária: ensinar e aprender. **Revista de Educação, Ciência e Cultura**, v. 28, n. 2, 2023. DOI: https://doi.org/10.18316/recc.v28i2.10563

Abstract: This article presents, analyzes, and critically reflects on the pedagogical actions developed within the CIRCUNESP Project – Social Circus at the University, discussing how its circus practices, grounded in an expanded understanding of body and movement, foster reflections on ways of teaching, learning, and experiencing the body in Physical Education training. Adopting a qualitative and theoretical-reflexive approach, the study problematizes the meanings produced by this pedagogical proposal, understanding university extension as a legitimate space for knowledge production and experience as a methodological and epistemological axis. Drawing on body studies, phenomenology, and critical pedagogies, it questions biologicist and positivist rationalities that remain present in the field. As a result, the article advances an expanded understanding of social circus, conceiving it as a bodily language capable of placing participants' bodies at the center of their formative processes, as a place of experience, creation, and subjectivity production.

Keywords: Physical Education. Social circus. Body. Experience.

Resumen: Este artículo presenta, analiza y reflexiona críticamente sobre las acciones pedagógicas desarrolladas en el Proyecto CIRCUNESP – Circo Social en la Universidad, discutiendo cómo sus prácticas circenses, fundamentadas en una concepción ampliada del cuerpo y del movimiento, suscitan reflexiones sobre las formas de enseñar, aprender y experimentar el cuerpo en la formación en Educación Física. Desde un enfoque cualitativo y teórico-reflexivo, problematiza los sentidos producidos por esta propuesta pedagógica, comprendiendo la extensión universitaria como espacio legítimo de producción de conocimiento y la experiencia como eje metodológico y epistemológico. En diálogo con los estudios del cuerpo, la fenomenología y las pedagogías críticas, cuestiona racionalidades biologicistas y positivistas aún presentes en el área. Como resultado, sostiene una comprensión ampliada del circo social, entendiéndolo como un lenguaje corporal que reubica el cuerpo de los participantes del proyecto en el centro de sus procesos formativos, como lugar de experiencia, creación y producción de subjetividades.

Palabras clave: Educación Física. Circo social. Cuerpo. Experiencia.

LICENÇA DE USO

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja corretamente citado. Mais informações em: http://creativecommons.org/licenses/by/4.0

CONFLITO DE INTERESSES

Há docentes do curso de Educação Física da UNESP Rio Claro que pertence ao corpo de pareceristas e conhecem as ações/atividades realizadas pelo Projeto CIRCUNESP.

CONTRIBUIÇÕES AUTORAIS

William Olielo Pereira: Concepção e delineamento do estudo; desenvolvimento do referencial teórico; definição da abordagem metodológica; investigação e sistematização da experiência pedagógica do projeto CIRCUNESP; diálogos conceituais no campo da Pedagogia do Circo; redação do manuscrito original; revisão crítica e edição final do texto.

Luis Bruno de Godoy: Contribuições na concepção teórica do estudo; diálogos conceituais no campo do circo, da filosofia e da experiência; supervisão acadêmica; contribuições críticas-reflexivas ao manuscrito; revisão crítica do manuscrito com contribuições intelectuais ao argumento central; provocações conceituais no campo da Educação Física; revisão gramatical e editorial.

FINANCIAMENTO

Houve financiamento através de bolsas institucionais da própria universidade onde se insere o CIRCUNESP, um projeto de ação cultural e extensionista realizado no campus de Rio Claro/SP da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, fomentado por meio do Edital nº 001/2021 -PROGRAD/PROPE/PROEC/ACI/AUIN – UNESP Presente: Alínea C “Ações Culturais” e continuado através dos editais nº 002/2022 e 002/2023 – COPE Conecta, programa de ações destinado à atividades desenvolvidas por alunos de permanência estudantil da UNESP.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Os dados de pesquisa só estão disponíveis mediante solicitação.

COMO REFERENCIAR

OLIELO, William; GODOY, Luís Bruno de. Circo nos processos formativos da graduação em Educação Física: corpo e experiência a partir do projeto Circo Social na Universidade. **Movimento**, v. 32, e32059, jan./dez. 2026. DOI: https://doi.org/10.22456/1982-8918.155200

RESPONSABILIDADE EDITORIAL

Alex Branco Fraga*

Elisandro Schultz Wittizorecki*

Mauro Myskiw*

Raquel da Silveira*

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Porto Alegre, RS, Brasil.